

“PORQUE VAI O HOMEM PARA ONDE A ESCRITA FOR”

Elisa Arreguy Maia
UFMG / Aleph - Escola de Psicanálise

Colho as palavras de um crítico de arte: “Certamente existiram artistas infelizes antes. Mas foram os românticos que fizeram as formas mais sinceras das artes brotarem das dificuldades de viver. Eles prepararam o terreno para existências radicais, gente que entrou para a infelicidade como quem entra para o convento. Baudelaire, Van Gogh, Artaud foram casos emblemáticos. Inventaram mundos artísticos plenamente novos e decisivos para a sensibilidade contemporânea”. [Jorge Coli, *Folha de S. Paulo*, Caderno *Mais*, 02/11/2003].

“Das dificuldades de viver”, “existências radicais”, “infelicidade” e “sensibilidade contemporânea”: eis o mapa por onde arte e artista podem, por sua vez, ser tomados pelo discurso da Psicanálise. Dizer “discurso”, a partir da Psicanálise, é referir-se à estrutura de laço social dessa experiência. O que faz uma existência radical senão uma inquietação sem nome, angústia de viver? Mas, também, uma ousadia, um lance de dados que desafia a determinação e, a partir do acaso, clama pelo novo. Ousar ir além até... até a infelicidade, mas não só. Até a invenção de “mundos novos”.

O discurso psicanalítico não poderia advir ao mundo se não houvesse o discurso da ciência, mas também não aconteceria sem a grande narrativa moderna. Pensar na conjunção Literatura e Psicanálise é querer saber qual a narrativa que nos rege, qual nos poderá contar. Por dever de ofício – uns, na *luta mais vã* com as palavras, outros, nas pistas da subjetividade que essa luta engendra –, perscruta-se que novo está por vir, agora que não há mais tradições a combater.

Literatura e Psicanálise brotam *no* e *de* uma espécie de intervalo: uma, no hiato; outra, do lapso, da vida cotidiana. Sua interseção, sua tangência é, portanto, o ponto de vazio. Esse nada é precioso. Tratá-lo pela escrita é a nossa direção.

Não se trata, numa e noutra, da mesma escrita. Escrita do prazer e do gozo, na Literatura; escrita do matema, no limiar da ciência, na Psicanálise. Entre ambas, o poema se erige como dádiva e enigma da língua.

Aqui se pergunta pelo que se forma no encontro de uma **com** outra. O trabalho de alguns nessa conjunção – o e da questão – abre um novo campo. E isso é sempre da ordem do desejo. O lugar, o campo de trabalho, de algum modo determina a forma, isto é, o lugar tem seu peso no estilo – que Lacan vai definir, como se sabe, que “o estilo é o homem a quem se endereça”. Há um desejo que persevera nesse campo Literatura e Psicanálise, que vai arregimentando gente, que vai formando um “gosto”, um modo de ler, uma escrita.

O modo de ler recorta-se, no e, com a lógica do discurso – aí onde a interpretação distancia-se do reinado do sentido e do campo da pura representação. Já a escrita que vai se fazendo aproxima-se do poema moderno. De leve, bem de leve, lógica e poema descompletam-se pelos “mistérios da letra”.

